



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA NO  
TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A  
FORMAÇÃO DE LEITORES.**

**RAYANE SOARES DOS SANTOS**

**BRASÍLIA-DF  
Julho/2011**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Rayane Soares dos Santos**

**A Importância do Incentivo à Leitura no Terceiro Ano do Ensino  
Fundamental para a Formação de Leitores**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como um dos requisitos à licenciatura de Pedagoga.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Simone Rodrigues do Amaral

Brasília, julho de 2011

**Rayane Soares dos Santos**

**A Importância do Incentivo à Leitura no Terceiro Ano do Ensino  
Fundamental para a Formação de Leitores**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como um dos requisitos à licenciatura de Pedagoga.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Simone Rodrigues do Amaral

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Simone Rodrigues do Amaral (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Norma Lucia Neris de Queiroz (examinadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Mestra Sandra Regina Santana Costa (examinadora)  
Secretaria de Educação do Distrito Federal

**Rayane Soares dos Santos**

**A Importância do Incentivo à Leitura no Terceiro Ano do Ensino  
Fundamental para a Formação de Leitores**

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao curso de Pedagogia, da Faculdade de  
Educação da Universidade de Brasília, como um  
dos requisitos à licenciatura de Pedagoga.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra Simone Rodrigues do  
Amaral

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Simone Rodrigues do Amaral (Orientadora)  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Norma Lucia Neris de Queiroz  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Sandra Regina Santana Costa  
Secretaria de Educação

Brasília, 21 de julho de 2011

Dedico este trabalho a Deus por me dar vida e forças para vencer as adversidades, aos meus pais e às minhas irmãs, Larissa e Lorena, que me ajudaram nos momentos mais difíceis e que acreditaram e torceram por mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e por ele ter me ajudado a chegar aonde cheguei. Sou grata aos meus pais por todo o apoio que eles tem me dado. Desde a infância não deixaram de acreditar em mim e fizeram todo o possível para que eu tenha um futuro melhor.

Aos meus pais agradeço também os ensinamentos, que foram bases sólidas para que eu me tornasse quem sou hoje, e que, como eles, fosse uma pessoa justa e honesta. Lições como essas creio que a escola pode até tentar passar, mas é no seio da família que o caráter da criança é formado e hoje posso dizer que possuo um bom caráter.

Agradeço às minhas irmãs gêmeas Lorena e Larissa, por elas também acreditarem em mim e me tomarem como exemplo para o futuro delas. Sou grata pelos momentos divertidos que elas me proporcionam mesmo quando estou atarefada.

Agradeço ao meu grande amigo Renato, que, antes de eu entrar na faculdade, já acreditava em mim, e torcia a cada vestibular para que eu fosse bem-sucedida. E que muitas vezes me deu força e palavras de consolo, que me ajudaram a não desistir do meu sonho.

Agradeço à família Nazareno, que foi o local onde muitas vezes encontrei conforto para o meu coração. Agradeço também à minha grande amiga Viviane, que com seus sábios conselhos me ajudou a enfrentar as dificuldades.

Sou grata pelo apoio que minhas primas Luana e Luciana me deram. Agradeço também à minha irmã de coração Emily, que, mesmo agora morando em outro país, sei que torce pelo meu sucesso.

Agradeço aos professores José Vieira de Sousa, Norma Lucia Neris de Queiroz, Stella Maris, Sônia Marises e Fátima Guerra, por ajudarem a me tornar uma pessoa melhor. À Simone Amaral, pela ajuda e orientação para que este trabalho fosse realizado.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma me incentivaram e me ajudaram a ser uma pessoa melhor, e espero que em futuro breve possa retribuir toda a ajuda.

*A alegria não chega apenas no encontro do achado,  
mas faz parte do processo da busca. E ensinar e  
aprender não pode dar-se fora da procura, fora da  
boniteza e da alegria.*

Paulo Freire

## SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
APRESENTAÇÃO.....	11
<b>PARTE I</b>	
MEMORIAL.....	13
<b>PARTE II</b>	
INTRODUÇÃO.....	21
METODOLOGIA ETNOGRÁFICA.....	23
CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA.....	24
CARCTERÍSTICAS DA TURMA.....	25
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
A NATUREZA DA LITERATURA INFANTIL.....	28
LEITURA NA ESCOLA.....	30
CAPÍTULO II – A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS.....	34
A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	37
CAPÍTULO III – ANÁLISE DA PESQUISA.....	39
ANALISANDO E DISCUTINDO OS DADOS.....	39
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
<b>PARTE III</b>	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	52

## **RESUMO**

Este estudo originou-se da minha experiência com a leitura. O foco deste trabalho está relacionado à formação de leitores e à contribuição da literatura infantil para os anos iniciais, em uma perspectiva diferente da que tem sido tratada em sala de aula. Neste trabalho foi utilizada como metodologia de pesquisa, pesquisa qualitativa com a abordagem etnográfica. O principal objetivo deste estudo é analisar os projetos da escola direcionados à leitura e à formação dos alunos e professores como leitores. Pretende-se analisar espaços destinados à leitura, como a biblioteca escolar.

**Palavras-chave:** formação de leitores, literatura infantil, biblioteca.

## **ABSTRACT**

This study has its origin from my experience with reading. And the focus of this work is related to the formation of readers and to the contribution to literature for beginner children in a different perspective from the one which has been studied in the classroom. In this study it has been used as research methodology the qualitative research with an ethnographic approach. The main objective of this study is to analyse the projects and one school directed to reading and to the formation of the students and teachers as readers. It is intended to analyse places destined to reading, like a school library.

**Keywords:** training of readers, children's literature, library.

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa contempla a importância do incentivo à leitura no terceiro ano do Ensino Fundamental. O trabalho é composto por três partes.

Na primeira parte está contido o memorial, onde apresento minha trajetória de vida, de escola e de ambiente acadêmico.

Na segunda parte, são apresentados, na introdução, a justificativa, os objetivos e a metodologia utilizada neste trabalho. Como base deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa, para coleta de dados, além das observações, foram entrevistas semi-estruturadas com os alunos e questionário para a professora da turma. Ainda na segunda parte estão contidos três capítulos que serão explanados a seguir.

No primeiro capítulo, é apresentada a fundamentação teórica, tendo como foco a natureza da literatura infantil, abordando seus aspectos teóricos desta literatura. Neste mesmo capítulo, é abordada, ainda, a importância do incentivo à leitura e o modo de abordagem de leitura na escola.

No segundo capítulo serão discutidos os seguintes tópicos: a literatura infantil nas séries iniciais e a importância do professor e da biblioteca para a formação de leitores. O objetivo é demonstrar a importância de se fazer um trabalho em conjunto, que una todos esses aspectos para de fato haver formação de leitores.

No terceiro capítulo é feita a análise dos dados coletados durante a segunda fase do projeto 4 (que é uma disciplina obrigatória e que configura-se como estágio supervisionado), confrontando-os com a teoria.

Também fazem parte desta monografia as considerações finais a respeito do trabalho que foi desenvolvido.

Por fim, apresento minhas perspectivas profissionais para a atuação em educação, levando em consideração a trajetória acadêmica e os conhecimentos adquiridos durante a produção desta pesquisa.

## **PARTE I**

## Memorial

Relembrar fatos ocorridos em nossas vidas é muito difícil. Entretanto, há momentos em que se faz necessária esta recapitulação. E este memorial é um desses momentos.

Nasci em Brasília, no dia 09 de dezembro de 1987, e moro na Vila Planalto, com minha mãe, meu pai e minhas irmãs mais novas.

Apesar de muitas dificuldades que meus pais enfrentaram desde o meu nascimento, aos cinco anos eles me colocaram em uma escola particular na Samambaia, chamada Mammy. Eu não me lembro de muitas coisas, contudo lembro que no primeiro dia de aula fiquei olhando minha mãe pelo portãozinho e chorando muito, e dessa forma iniciei minha jornada escolar.

Conversando com meu pai mais recentemente, perguntei se eles liam livros para mim. E ele disse que leu alguns, mas eu não me lembro. Procurando livros infantis em uma biblioteca, vi um livro e lembrei quase que instantaneamente que o amava quando era pequena, é um livro da Rapunzel, só que a ilustração dele é como se fossem fotos de bonecos e lembro que havia outros, só que não me lembro as histórias; contudo, sei que li várias vezes o mesmo livro. Essa lembrança foi muito emocionante.

Recordo-me que durante as várias leituras que fiz deste livro me imaginava sendo a Rapunzel, essa foi uma das poucas experiências prazerosas que tive com a leitura. E fatores como o tamanho do livro e as ilustrações foram determinantes para que eu sentisse vontade de ler novamente. Todos esses aspectos são importantes e devem ser observados pelos professores e pelos pais. A criança deve se identificar com o livro e gostar do mesmo é imprescindível.

A escola Mammy foi a melhor por que já passei. Lembro-me que tinha uma imagem linda dela: piscina, parquinho, aulas de inglês; na minha sala, havia apenas oito alunos. Recordo-me que nessa escola havia os livros de alfabetização e neles havia as letrinhas para passarmos por cima e também histórias curtinhas, mas muito boas, e me lembro que gostava muito de lê-las, pois eram histórias que, apesar de pequenas, prendiam minha atenção e geralmente falavam sobre animais, assunto que me interessava. A professora era muito dedicada e, em alguns dias, voltava para casa com ela. Nessa escola aprendi bastante sobre as várias disciplinas e permaneci lá até a quarta série.

Em seguida me mudei para uma escola na Asa Sul, porque nos mudamos para a Vila Planalto. Foi um choque muito grande, porque a sala tinha 35 alunos, eles conversavam, xingavam, e as matérias que eles estavam vendo eu já havia aprendido. Eles tinham muita

dificuldade e eu não entendia o porquê. Várias vezes voltava para casa com dor de cabeça por causa do barulho e lá comecei a tirar notas baixas, a matar aulas e os estudos foram perdendo o brilho. Minha mãe trabalhava com um carrinho de cachorro quente e mais ou menos até o final da quinta série ou início da sexta ainda morávamos na Samambaia. Saía de casa com os meus pais às três e meia da manhã e ficava sentada na cadeira do cachorro quente até a hora de ir para escola, e quando retornava da escola muitas vezes voltava para o carrinho e ficava a tarde toda lá, algumas vezes fazia o dever sentada na mesa e outras ia para casa da minha avó, que morava na Asa Norte; mas dificilmente eu fazia o dever lá, porque aproveitava para dormir.

Nesta escola não me lembro de leituras a não ser as do livro didático, contudo várias vezes a professora pedia para eu ler em voz alta textos do livro mesmo, porque me lembro que lia muito bem. Mas tenho uma lembrança terrível dessa época: certa vez, enquanto estava lendo super empolgada, troquei uma palavra por outra e todo mundo começou a rir e eu comecei a chorar; a professora chamou a atenção da turma, mas não adiantou muito.

No meio de todas essas intempéries, meus pais faziam o melhor, só que não me incentivaram a ler, nem mesmo revistas e não me lembro de lerem histórias para mim antes de eu dormir, não me lembro nem de livros em casa, mas lembro que minhas primas tinham um livro do corcunda de Notre Dame, que tinha botões, os quais, quando apertados, emitiam um som; eu ficava encantada. Creio que por meus pais serem muito jovens e inexperientes não sabiam o que podia colaborar para minha formação, até porque estavam mais preocupados em colocar comida na mesa e comprar uma casa.

Nesse intermédio de tempo entre mudanças e tudo mais, minha mãe ficou grávida de gêmeas, foi mais um choque. Eu era filha única e queria uma irmã, mas não sabia o tanto que as atenções se voltariam para elas e ainda tive que ajudar nos cuidados, como lavar fraldas que eram de pano, entre outras coisas. Minha mãe com a necessidade de trabalhar começou a contratar pessoas para cuidar das minhas irmãs e depois de muitas tentativas frustradas, ela encontrou uma moça muito boa e que praticamente fez parte da família.

Não me lembro de ninguém da minha casa lendo nem mesmo a Bíblia. A leitura não fazia parte da minha história; eu aprendi a ler e utilizei este conhecimento para ler os livros didáticos, mas, nem mesmo estes, lia por completo. Quando a professora pedia resumos, nunca me dei o trabalho de ler, apenas copiava o primeiro e o último parágrafo, e a grande maioria da turma fazia a mesma coisa. Até porque a professora apenas dava visto, e nós, que achávamos que a estávamos enganando, enganávamos a nós mesmos.

Contudo, me lembro que essa moça que trabalhava em nossa casa algumas vezes comprava livros, mas nunca a vi lendo. E como a leitura estava muito distante do meu contexto social, nunca me interessei nem em pegar para ver sobre qual assunto ela lia. Lembro que minhas primas compravam revistas Capricho para ler, e nem revistas eu me lembro de ler e quando tinha uma em mãos, apenas a folheava para ver as figuras.

Essa moça que morava em nossa casa infelizmente morreu, a perda para mim foi muito grande, pois ela era uma irmã mais velha e me dava muitos conselhos. Eu estava no primeiro ano do ensino médio, em uma fase que já era complexa e comecei a pensar nas questões sobre a vida. Recordo-me que era bastante envolvida com a igreja e que em função da minha boa dicção durante a leitura, algumas vezes era chamada para ler a homilia no microfone e essa era uma experiência que me incentivava a ler cada vez melhor, mas não a ler muito.

Apesar de tudo, fiz grandes amigos com os quais tenho contato até hoje. Passaram-se quatro anos e fui para o Elefante Branco. Muitas coisas mudaram: havia onze matérias, no horário contrário às aulas tínhamos Inglês e Educação Física; meu contato com a Física e a Química não foi muito bom, inclusive pelo fato de ainda estar com aquela velha cultura de não fazer todos os deveres; achei Filosofia uma viagem inútil e não entendia o PAS e sua finalidade na época; nem sabia o que era UnB.

No primeiro ano não tinha muitos amigos, então estudei mais e tive uma boa nota no PAS. No segundo ano debandei, fiz amigas e comecei a farrear, os estudos foram deixados de lado; lembro-me de uma disciplina para a qual me esforcei, pois fui desafiada, pelo professor, a passar na disciplina, que, acredite ou não, era Sociologia. O professor disse que para passarmos deveríamos mudar nossa posição com relação aos estudos; ele indicou várias revistas científicas, livros e programas de televisão, e acredito que foi a única disciplina do ano em que li os textos. E não foi nada fácil; muitas pessoas no final do ano ficaram para recuperação nesta disciplina e houve algumas que reprovaram.

Neste colégio lembro que a informação que nos foi dada sobre a biblioteca é que ela tinha sido destruída em função de um vazamento e estava sendo readaptada em outro espaço. Raramente a frequentava e as poucas vezes em que entrei neste espaço foi para fazer trabalho em grupo. No terceiro ano, lembro que peguei emprestado um livro, *O Código da Vinci*, porque todo mundo estava lendo, mas não passei da quinta página: achei muito complicado e naquele momento percebi a minha dificuldade para ler.

Em decorrência da falta de estudo, a nota no PAS não foi boa. No terceiro ano, fui separada das minhas amigas e me aproximei de pessoas que realmente queriam estudar, mas a base que precisava tinha sido perdida. Por incentivo dessas novas amizades no segundo semestre do terceiro ano entrei em um cursinho à noite. Toda aquela influência me fez querer passar na UnB; estudei, mas não foi o bastante: a nota não foi suficiente para obter a aprovação.

Conversava tanto sobre a UnB, principalmente no cursinho, que meu único desejo era passar; inscrevi-me para Artes Cênicas e, se não passasse na prova de habilidade específica, iria tentar Pedagogia. Fui fazer a prova de habilidades, claro que não estava preparada e não passei, mesmo assim me esforcei para a terceira etapa do PAS e fiz meu primeiro vestibular. Mas não passei, porém já esperava que este fosse o resultado. Até então estava tranquila porque na minha turma só uma pessoa tinha passado no PAS, o restante da turma nem pensava em fazer vestibular.

Fiz mais um ano de cursinho e só então percebi quanta coisa não havia aprendido. Houve dias em que sonhava com a matéria, acordava de madrugada para estudar Física. No terceiro vestibular, dei o meu máximo. Tinha muitas dúvidas do que queria ser, quase mudei o curso para Enfermagem e na mesma época tentei Medicina na Fepecs. No dia da prova da UnB respondi só o que tinha certeza e contava os itens para ter uma boa probabilidade de passar. Assim que saí da prova encontrei uma amiga que fazia vestibular para o mesmo curso e falou que tinha certeza que havia passado. Conferi com ela a resposta de uma questão “tipo b” que tinha sido diferente da minha resposta e isso me deixou sem confiança.

Durante o cursinho, lia alguns textos da apostila que nos era entregue. A respeito de Literatura tinha conhecimento através da fala do professor, que por sinal era excelente. Mas enquanto leitora que eu não era, por mais que sentisse vontade de ler os textos citados na aula, não sabia nem como ter acesso aos mesmos.

Não esperei o resultado da UnB e já me matriculei novamente no cursinho. Um dia, passeando, lembrei que tinha saído o resultado do vestibular. Nem dei atenção, falei para minha mãe “nem adianta olhar, não passei mesmo”; cheguei à casa do meu namorado e fui olhar na internet; não acreditei quando vi meu nome, liguei para minha mãe super nervosa e falei “acho que passei” e chamei-a para irmos à UnB pegar a lista. Fomos e confirmei que havia passado. Meu pai não acreditava; pegou o jornal, viu meu nome, mas ficava falando que não acreditava.

O sentimento que experimentei foi único: um alívio de ter passado e uma euforia muito grande. Passei, foi muito bom, mas cheguei à universidade completamente perdida; minha prima me ajudou com a matrícula, mas era um ambiente totalmente novo. O que me marcou no primeiro semestre foi a disciplina Antropologia, foi através desta que fiz discussões produtivas, aprendi a fazer ensaio. Com um ano de UnB, queria desistir, mas meu pai não permitiu. Fiz os projetos cada um em uma área: fiz Alfabetização e Letramento; depois Economia Solidária. Aprendi muitas coisas interessantes nas disciplinas, fiz algumas em outros departamentos.

A cada disciplina que fazia fora do meu departamento, mudava o curso que realmente queria fazer. Em vários momentos me perguntava o que estava fazendo na UnB naquele curso. Era muito bom as pessoas me parabenizarem, mas não era o que queria fazer, cada disciplina que cursava e quando cada professor pedia mil leituras me deixava completamente desanimada. Não conseguia ler os textos de acordo com o cronograma, e dessa forma não participava das discussões, odiava ter que fazer seminários. Só me esforçava para ler quando o professor era muito exigente ou quando o assunto me interessava muito.

E acredito que todo este comportamento foi reflexo da minha formação: durante todo o meu percurso não foi exigido que eu fizesse leituras. Os professores não verificavam se tínhamos lido os textos indicados. Meus pais tinham tantas outras preocupações que nem sabiam que me incentivar a ler era importante e os meus colegas de classe passavam pela mesma situação que eu.

Em um determinado semestre, fiz a disciplina “Literatura e Educação” com a professora Simone Amaral e este encontro com ela mudou minha história com a leitura. A cada aula dava vontade de sair e comprar livros para ler. Minha mãe e meu pai nunca tiveram tempo para me incentivar a ser uma leitora e a escola não foi suficiente; a partir daí comecei a pensar sobre a importância do incentivo à leitura nas séries iniciais e decidi que escreveria minha monografia sobre este tema. Também comecei a comprar livros e a ler mais.

Depois da disciplina “Literatura e Educação”, tive uma aula de “Ciência da Educação”, em que a professora exigia muito; houve noite em que tomei guaraná em pó e passava a noite toda lendo; me saí muito bem na prova e isso me deixou muito feliz; entretanto, estava muito cansada. Cursei outra disciplina que se chamava “Avaliação em educação escolar”, o professor também exigia bastante e iria ter prova; então também me esforcei. Muitas vezes quem já é leitor acha que quem não está lendo é por preguiça, mas é

muito difícil quando você não está acostumado e repentinamente você tem que ler textos com cinquenta folhas, sendo que até aquele momento você não lia nem revistas.

Em razão de toda essa experiência com a leitura foi que decidi escrever este trabalho sobre este assunto. Apesar de não me considerar leitora, acredito que aos poucos posso mudar essa postura, principalmente para auxiliar os meus futuros alunos a serem diferentes de mim.

Paralelamente a esta disciplina de Avaliação, estava fazendo um cursinho para o concurso do MPU, desenvolvi verdadeira paixão por assuntos relacionados a Direito, lia muito sobre as disciplinas relacionadas e conseguia focar minha atenção até o final da aula. Comecei a pensar se não seria esta a minha vocação. Além de tudo isto, foi nessa época que minha mãe teve um câncer, e esse professor desta disciplina me ajudou muito e me incentivou a estudar para o concurso. Percebi que minha capacidade de ler aumentava quando era sobre assuntos que me interessavam. Saiu o resultado do concurso, me classifiquei mas não passei para a próxima fase, porque a nota de corte tinha sido muito alta. Fiquei arrasada e chorei muito, achei que iria entrar em depressão, mas tudo passou e graças a Deus fiquei bem.

No oitavo semestre, ocorreu a greve e ficamos muito tempo sem ter aulas, e tivemos que estender o calendário até janeiro. Foi muito ruim, pois tinha planos de viajar e em razão das circunstâncias viajei apenas uma semana; cursei uma disciplina que era Seminário, que dava uma base para escrever a monografia. Neste semestre também fiz “Oficina de formação do professor leitor”, que, para mim, foi muito produtiva. Mas acredito que em decorrência de ter tido aula em janeiro e não ter a preocupação de escrever a monografia, não me esforcei o bastante.

Estou escrevendo a monografia e também estou fazendo o Estágio Supervisionado. Esse estágio está me surpreendendo e está sendo muito produtivo. Hoje, se eu for para uma sala de aula vou saber o que fazer e como proceder com os alunos. As primeiras aulas que ministrei foram um sucesso e fiquei muito feliz. As crianças me deixam feliz de um jeito que não consigo explicar. Claro que há momento de irritação, mas a experiência está sendo maravilhosa e muito rica. Tenho refletido bastante sobre a leitura e sobre a importância do incentivo à leitura. O projeto que tenho desenvolvido é na direção de devolver aos alunos a paixão pelos livros. Os alunos para quem estou ministrando as aulas são bastante novos e com o trabalho adequado o futuro deles como leitores pode mudar.

Este estágio tem sido uma experiência muito válida para mim, pois, além de fazer observações importantes e adentrar no cotidiano da turma, durante várias aulas pude ler livros infantis e percebi como são bons e como abrem os horizontes. Também constatei livros com

uma qualidade muito baixa e que a meu ver nem deveriam estar na caixa de leitura. Não é que eu esteja desmerecendo o trabalho do autor, mas para aquele contexto não fazia o menor sentido.

Durante o curso de Pedagogia tive a oportunidade de fazer estágio em duas escolas particulares e pode até parecer preconceituosa a afirmação que farei, mas não é. A estrutura influi muito na formação de leitores: vi alunos com bons livros e também os vi lendo e como eles sentiam prazer. Havia alguns projetos de leitura e que eram diferenciados para as crianças menores e para as maiores. São eventos e situações que os alunos que estou observando talvez nunca tenham a oportunidade de vivenciar.

Umas das minhas últimas vitórias foi ter passado no concurso para professor temporário. Apesar de não poder assumir em decorrência da falta do diploma, aguardo que eles me chamem novamente. E em razão de toda a experiência que vivenciei, já imagino como desejo fazer um trabalho diferenciado com os meus futuros alunos.

Apesar de ainda não me considerar uma leitora, estou me esforçando e quando tiver um filho já vou saber como incentivá-lo a ler. Não sei se me tornarei uma leitora que lê vários livros por mês, mas é isto que estou buscando. E desejo ajudar muitas outras crianças que vivem hoje o que vivi no passado. Admiro os leitores e acho que o Brasil como um todo necessita ler mais, e é por causa do que acredito que decidi escrever minha monografia sobre este assunto.

## **PARTE II**

## **INTRODUÇÃO**

Na segunda fase do “Projeto 4”, tive a oportunidade de desenvolver um projeto de incentivo à leitura em uma escola da rede pública do Distrito Federal e o que pude observar foi que a professora era muito dedicada. Ela dizia que na turma dela havia um projeto de leitura. Entretanto, ao meu ver, este projeto não estava dando resultados. Outro ponto que me chamou a atenção na turma foi a falta de respeito dos alunos com os colegas. O que pude notar foi que no momento de leitura muitos já não liam e, como a ficha de leitura era básica, muitos conseguiam responder sem ler.

### **JUSTIFICATIVA**

A leitura é o meio pelo qual as pessoas podem adquirir conhecimentos, conhecer o novo. Pesquisar esse tema é importante uma vez que, na sociedade atual as pessoas quase não lêem e muitas crianças estão sendo privadas deste benefício. Dessa maneira, pretendo identificar os projetos desenvolvidos pelos professores para a formação de alunos leitores.

### **OBJETIVO GERAL**

Analisar os projetos da escola direcionados à leitura e à formação dos alunos e professores como leitores.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar os espaços escolares destinados à formação leitora dos alunos do 3º ano da escola onde foi realizado o estágio supervisionado;
- Identificar a concepção de leitura dos alunos;
- Identificar a concepção de leitura da professora da turma;
- Identificar as práticas de leitura dos alunos fora do ambiente escolar;
- Analisar os níveis de leitura do grupo de alunos;

Durante minhas observações em “Projeto 4”, a professora me deixava alguns momentos sozinha com os alunos, e em um desses momentos estava sendo o momento de leitura; logo que a professora saía de sala, eles começaram a conversar e eu tentava explicar para eles que aquele momento era importante. Sentei-me e comecei a ler. Para alguns foi o

máximo me ver lendo; para outros, não fez diferença. Os que se encantaram com a minha leitura comentavam como eu lia rápido, e eu ia falando como o livro era bom e como a história era interessante. Os que já tinham terminado de ler pediam que eu lesse o livro deles e, de alguma maneira, me imitavam, falando “Tia, lê esse aqui, é muito legal!”; quando eu terminava de ler, eles nem acreditavam e ficavam perguntando sobre a história, porque, para eles, a velocidade que eu lia era rápida.

Dessa maneira, observei que muito ainda pode ser feito para incentivar essas crianças a lerem, só é necessário que seja feito o trabalho ideal. Outro empecilho que observei é que alguns não sabem ler e outros lêem sílaba por sílaba, e fico imaginando como deve ser difícil para eles ter que ler um livro com, digamos, vinte páginas; primeiro, porque eles não vão entender o contexto; segundo, porque o esforço será muito grande, e esse foi um dos grandes problemas que observei, até mesmo nas provas, pois eles tiveram dificuldade de interpretar o comando da questão e por isso respondiam errado.

Não consigo identificar o sentido da leitura da maneira como ela está sendo trabalhada: quando a leitura é feita pelo professor, se não for uma história que prenda a atenção, eles não ouvem. E quando é para os alunos lerem, além de todas as dificuldades, eles ainda tem que responder a ficha de leitura e, a meu ver, o prazer de ler por ler e de fazer descobertas está sendo perdido. Os descobrimentos e os aprendizados que são possíveis através da leitura estão sendo perdidos, porque o ato de ler está se tornando mecanizado para atingir um único fim: responder a ficha de leitura.

Apesar de a professora dizer que tem os projetos de leitura (um que ela lê para os alunos no início da aula, o outro de os alunos lerem livros que são disponibilizados pela biblioteca), pude observar que são momentos soltos de leitura e que não são previamente preparados. Houve alguns dias que, assim que cheguei, ela pediu que eu fizesse a leitura e, como eu não tinha nem conhecimento, do texto apesar de me esforçar, várias vezes engasguei e os alunos perceberam e isso os desestimula a ler.

Apesar do acervo da biblioteca ter muitos livros atuais e ser um espaço bastante convidativo e organizado, das aulas que observei só teve uma em que fomos para a biblioteca, e, como em todas as atividades, alguns leram e se divertiram, outros apenas folhearam os livros.

Muitos questionamentos me vieram em mente:

- Os projetos de leitura estão alcançando todos os alunos?
- As bibliotecas estão sendo utilizadas pelos professores?
- É necessário apenas ter bons livros e a preparação do professor?
- Estamos formando leitores?

É através da leitura dos mais diversos textos que as crianças podem descobrir coisas novas e estimular a imaginação diante das mais diversas histórias. É nesse sentido a afirmação da escritora Fanny Abramovich:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 2008, p.17).

Em decorrência das minhas angústias sobre este tema, e utilizando as observações que realizei, decidi escrever minha monografia sobre *A importância do incentivo à leitura no terceiro ano do ensino fundamental para a formação de leitores*.

A escolha deste tema tem relação com as minhas experiências com a leitura e com minha preocupação sobre os caminhos que os alunos estão traçando sem o auxílio da leitura. Justamente por não me considerar leitora, percebo a falta que a leitura me faz, isso relacionado a todas as etapas da minha vida. Assim, pretendo incentivar meus futuros alunos a ler e descobrir esse universo paralelo que a literatura proporciona.

## **METODOLOGIA ETNOGRÁFICA**

A partir da vivência na segunda fase do “Projeto 4” e dos questionamentos levantados até aqui, foi utilizada a pesquisa do tipo etnográfica como metodologia de pesquisa. Apesar de não haver uma conceitualização definida entre os especialistas, existem pontos em comum. Esse tipo de pesquisa propõe-se a “descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente, como, por exemplo, a sala de aula, os resultados de suas interações, e o seu entendimento do que estão fazendo” (WIELEWICKI, 2001). Dessa forma, esse tipo de pesquisa se caracteriza pela interação direta entre o pesquisador e a situação

pesquisada, permitindo reconstruir os processos e as relações que configuram o ambiente escolar.

A etnografia descreve a cultura de um grupo de pessoas interessadas no ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Outro aspecto importante é que, além do contato entre pesquisador e sujeitos, é estabelecida uma relação de poder que vai influenciar os achados da pesquisa.

No contexto da sala de aula, o pesquisador, que normalmente é também professor, pode ser visto como o salvador da situação caótica do ensino, aquele que vai resolver, com toque mágico de sua pesquisa, até os problemas mais graves existentes dentro da sala de aula. Por outro lado, o pesquisador pode representar para o professor observado um teórico, detentor de verdades que não funcionam na prática e que jamais resolverão seus problemas escolares. “O pesquisador, durante sua pesquisa, “vigia” a sala de aula” (WIELEWICKI, 2001).

Embora a etnografia se “proponha a *dar voz* aos sujeitos de pesquisa, como o Criador dotando a criatura do dom da fala articulada, eles continuam assujeitados e falando através do outro – o pesquisador – detentor do poder de representá-los” (WIELEWICKI, 2001). Além das entrevistas e dos relatórios, instrumentos de quem utiliza esse tipo de pesquisa, quem dá voz aos sujeitos de pesquisa possui um grande peso, pois, em uma metodologia como esta, o relacionamento afeta a pesquisa diretamente.

## **CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA**

A escola onde foi realizada a pesquisa é o Centro de Ensino Fundamental 01 do Planalto e busca atender, em especial, a alunos cujo nível socioeconômico dos alunos não é muito diversificado, a maioria das famílias recebem um pouco mais de um salário mínimo.

Esta escola foi inaugurada em meados da década de 50 e foi uma das primeiras escolas da futura capital do Brasil, construída para oferecer uma educação de qualidade aos filhos dos operários que trabalhavam e residiam nos acampamentos que foram criados visando à construção do Palácio da Alvorada e o Palácio do Planalto. Na década de 70, após a fixação da Vila Planalto, a comunidade é beneficiada com a construção de uma Escola mais ampla, o Centro de Ensino Fundamental 01 do Planalto, que passou a oferecer todas as séries do Ensino Fundamental, ao incluir turmas de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries.

A estrutura física da escola é composta por 12 salas de aula, 1 sala de leitura, 1 sala de professores. Há um anexo onde é oferecida Educação Infantil; nele há 5 salas de aula, 1 sala para direção/secretaria, e 1 parquinho (em estado precário). Em cada sala de aula existe um quadro de giz, cadeiras para os estudantes, 1 ventilador e um quadro branco. Nas salas do programa de Aceleração da Aprendizagem das Séries Finais do Ensino Fundamental há também 1 DVD e uma TV 29 polegadas. Os quadros brancos estão em estado muito ruim de conservação, alguns com áreas inutilizáveis devido à utilização de produtos abrasivos e ao uso de pincéis inadequados pelos alunos.

Tomando conta da biblioteca há uma professora que, apesar de ser muito prestativa e simpática, não possui os conhecimentos adequados para desempenhar tal função. E isso influi bastante na organização dos livros e atrapalha no momento de procurá-los. A biblioteca está em bom estado há mesas redondas e cadeiras para os alunos e é bastante decorada, o que eu acho extremamente importante para chamar a atenção das crianças. Acredito que o que deveria melhorar são as últimas prateleiras, que estão amontoadas de livros empoeirados que não dá nem para mexer.

## **CARACTERÍSTICA DA TURMA**

A turma a qual observei é de terceiro ano e é composta por vinte e quatro alunos, com idade entre 8 e 9 anos. Sendo que, destes vinte e quatro, dois possuem transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, e desses dois um não lê e nem escreve. O que percebi na turma é que a maioria tem muita dificuldade de ler, principalmente quando é para ler em voz alta. Eles lêem como se estivessem Tateando as palavras, e um dos reflexos deste problema é que nos exames eles erram por não conseguirem entender o que o enunciado da questão está pedindo.

As observações que realizei nesta turma foram em decorrência do Projeto 4 fase 2, que é uma das disciplinas obrigatórias e também é chamada de Estágio Supervisionado. Tive muito êxito neste estágio, pois foi um momento de muito aprendizado e a professora da turma me recebeu muito bem, e muitas vezes pedia que eu lhe auxiliasse nas atividades cotidianas. Ao meu ver, a turma possui problemas como todas as outras turmas, mas admirei o trabalho da professora, pois ela sempre conversa com os alunos quando surgem problemas.

Tive a oportunidade de vivenciar a realidade desta turma, e observei que quando o professor se propõe a desenvolver um trabalho com seriedade, é possível colher bons resultados. Assim que cheguei à turma, percebi que muitos alunos possuíam problemas de

caligrafia, comentei com a professora e de pronto ela reutilizou cadernos de caligrafia do ano anterior, e no decorrer nos dias observei melhoras significativas, e o mais interessante é que eu não fui a única a observar: os próprios alunos observaram o avanço. Para mim, foi muito gratificante presenciar este momento.

Apesar de ser bem recebida pela turma e pela professora, em algumas atividades que propus logrei êxito e em outras nem tanto. Mas a própria professora diante da minha aflição me disse que era assim mesmo, e o que importava era insistir e não parar de tentar. No primeiro dia que estive com a turma me apresentei e expliquei que iria estar com eles vários dias auxiliando a professora e aprendendo com ela, e eles foram muito carinhosos, quando eu faltava, eles perguntavam por que eu não tinha ido; quando chegava, me abraçavam e, quando saía, me davam tchau. Acredito que tudo isso tenha auxiliado bastante o meu trabalho naquela turma, pois foi possível que eu estabelecesse um relacionamento com eles.

Desenvolvi um projeto de leitura na turma, levei vários materiais diferentes e creio que foi o que mais os incentivou, levei um cubo com uma história, teatro de fantoches, entre outras coisas. Propus atividades nas quais eles tinham que fazer apresentações para a turma. No início, eles não gostaram muito; mas, no final, eles já pediam. A leitura não deve ser vista como um peso pelos alunos, muito menos como algo entediante, pois estes sentimentos poderão gerar desinteresses que irão perdurar por toda a vida. Diante de tudo, busquei realizar atividades que fossem prazerosas para eles.

No terceiro capítulo deste trabalho, serão demonstrados os dados coletados na pesquisa e eles serão relacionados com a teoria.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente a leitura é uma habilidade que permeia praticamente todas as atividades em sala de aula. E extrapolando o ambiente escolar a leitura está presente em todos os momentos da vida do ser humano, e ela é necessária até mesmo para desenvolver atividades básicas: como ler o rótulo de um produto na prateleira do supermercado, pegar um transporte público, ler uma receita médica.

No que se refere ao assunto:

No mundo em que vivemos é muito mais importante saber ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo pessoas que vivem nas cidades, precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números, etiquetas, documentos etc. (CAGLIARI, 1989, p. 168)

Segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira leitura é: **1. Ato, arte ou hábito de ler. 2. Aquilo que se lê. 3. Operação de percorrer, em um meio físico, seqüências de marcas codificadas que representam informações registradas, e reconvertê-las à forma anterior.** Na sociedade brasileira, existe um grande problema com a leitura, entretanto sabemos que os bons resultados, principalmente os relacionados à educação, só virão a médio e longo prazo. Diante de tantas mudanças que temos vivido no contexto atual, é necessário repensar a educação, e como ela está sendo desenvolvida atualmente. Uma das considerações de Nelly Novaes Coelho sobre o assunto é (2000):

Desde os anos 70/80, as experiências, debates e propostas para reformas educacionais vêm-se multiplicando de maneira significativa, principalmente no âmbito da Língua e da Literatura. E com especial cunho polêmico na área da Literatura Infantil (p.15).

Na era digital que estamos vivendo, sempre surge o questionamento sobre se haverá lugar para a literatura. Segundo Nelly Novaes Coelho, haverá sim, e ela cumprirá uma tarefa fundamental na sociedade, a de servir como agente de formação. Uma vez que é através da leitura que uma nova consciência de mundo é formada. Por intermédio da literatura, lemos o mundo de uma forma rica e eficaz.

A literatura possibilita uma ampliação e uma transformação da visão de mundo do ser humano. E enriquece suas experiências de vida, proporcionando o conhecimento de outras culturas, países e sentimentos.

## A NATUREZA DA LITERATURA INFANTIL

Podemos conceituar literatura infantil, antes de mais nada, como literatura, e esta como arte que, através da palavra, representa o mundo, o homem, a vida. Tudo isso através de fusões entre o imaginário e o real, os sonhos e a vida prática, e assim por diante. Segundo Nelly Novaes Coelho (2000):

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...).

Os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, como coloca Zilberman (1985):

A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem. Porém, pode substituir o adulto, até com maior eficiência, quando o leitor não está em aula ou mantém-se desatento às ordens dos mais velhos. Ocupa, pois, a lacuna surgida nas ocasiões em que os maiores não estão autorizados a interferir, o que acontece nos momentos em que os meninos apelam à fantasia e ao lazer (p.20).

Só se pode falar em literatura infantil a partir do século XVII, época do surgimento da escola burguesa e da reorganização do ensino, pois, antes disso, não existia a “infância” como a concebemos hoje. As crianças eram vistas como “adultos em miniaturas” e compartilhavam dos mesmos eventos que os adultos.

A literatura infantil desde sua origem foi utilizada como um instrumento educacional, um reforço para fixar os costumes da sociedade em cada época. Pelo fato das crianças serem vistas como “adultos em miniaturas” o resultado foi que os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. Compreende-se que “a literatura infantil até pouco tempo atrás era vista pela crítica como um gênero secundário, e o adulto a encarava como algo para brincar ou como um meio para manter a criança entretida e quieta” (COELHO, 2000, p.30).

Ler uma obra literária é muito mais que desenvolver a habilidade do ato de ler. A leitura de tais obras proporciona experiências em todas as áreas da vida do pequeno leitor. Quando o livro é interessante é como se a história permanecesse viva dentro da memória das

crianças e elas até o indicam para os outros colegas. Fanny Abramovich (2008) aborda este assunto de forma clara:

Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança (se não estiver particularmente interessada no tema, lerá sem maiores envolvimento... e dia virá em que aquele livro lhe será revelador e esclarecedor!). Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra à frente, se envolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento e poroso a tudo o que acontece... (há temas datados, que pela própria evolução dos costumes deixaram de ser polêmicos, pois, dum jeito ou de outro, a civilização os integrou... há outros que estão surgindo devagarzinho, há outros efervescentes, sobre os quais o momento de falar urge e se impõe).

Na antiguidade, o ato de ler era associado ao poder e quem escrevia e lia detinha esse poder e andava entre os aristocratas e estava próximo a realeza. (MANGUEL, 1997, p.209) Fazendo uma análise do nascimento da leitura, percebe-se que ela nasceu como uma forma de poder.

O trabalho de incentivo à leitura é um trabalho que deve ser bastante minucioso, pois o que tenho observado é que, se for mal feito, poderá não apenas ser uma tentativa frustrada, mas também pode retirar da criança a vontade de ler. Ler uma história para uma criança pode parecer uma tarefa fácil, entretanto é bem mais complicado do que se imagina. Se a atenção da criança não for prendida desde o início do texto, não será no meio ou no fim que isso vai acontecer.

Ler requer muito do leitor, tanto em termos de atenção como em termos de esforços para entender o contexto e apreender o que o autor está querendo passar através do texto. O ato de ler possibilita ao aluno uma série de oportunidades, como conhecer as outras disciplinas através da literatura; mas há várias possibilidades de conhecer-se a si mesmo. Os caminhos que são possíveis percorrer através da leitura são imensos e ilimitados; as experiências são particulares e as interpretações as mais diversas possíveis.

No estágio que já fiz percebi que o momento da leitura é muito especial e deve ser silencioso e particular. Algumas crianças conseguem ler com o barulho, entretanto há outras que, como eu, não conseguem se concentrar com a bagunça e talvez seja por conta da falta de organização neste momento que as crianças estão perdendo o gosto pela leitura. Esse momento deve ser apenas dela com o livro; o momento que, a meu ver, deveria ser mágico, está se tornando trágico.

Outra questão que tenho observado é que há muitas crianças com dificuldade de ler e isso é uma barreira; o extremo esforço também pode estar retirando o gosto de ler. A capa do livro para as crianças, por exemplo, é um elemento que possui uma importância enorme, porque é o pontapé inicial para elas se interessarem em ler e a capa pode até ser bem enfeitada, mas, se não chamar a atenção, a chance delas pegarem serão mínimas. Na escola em que fiz a observação, havia vários livros sobre a mesa, mas havia um que a ilustração não era muito interessante e que eles praticamente nem pegavam.

Cada um possui um gosto; o que agrada a um pode não agradar ao outro, e isso pode ser uma grande perda na formação do aluno leitor. Haverá obras que eles terão que ler mesmo sem apreciar, entretanto, é essencial que ele possa escolher os textos que mais o interessam.

O que tenho observado com os alunos da turma é justamente a falta de encantamento pela leitura, e talvez na realidade deles não haja incentivos e nem mesmo condições necessárias para se tornarem leitores. E se o ato de ler não faz parte de sua vida diária, como exigir que ele tenha esse hábito na escola?

## **LEITURA NA ESCOLA**

Quando paramos para analisar o ambiente escolar, percebemos que na maioria das atividades desenvolvidas a leitura está presente. Se o aluno for um bom leitor, ele provavelmente será um bom aluno nas outras disciplinas. Contudo, se não for um bom leitor, isso poderá gerar em seu futuro sérios prejuízos. Como observa Cagliari (1989):

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. (p. 148)

E, como tenho observado, os alunos possuem dificuldades para resolver problemas de matemática não é porque não sabem matemática, mas porque não conseguem interpretar o que o enunciado está pedindo. Esse problema é muito grave, pois isso poderá perpetuar até a pós-graduação, tudo em função da falta do hábito de ler. Segundo Cagliari (1989), muitos alunos se saem mal, nas provas de qualquer matéria, depois de terem estudado o assunto muito bem, de saberem a matéria como deviam, justamente porque não entendem, ou entendem errado o que lhes é perguntado.

Consegui observar isso claramente na turma na qual estava. Principalmente durante os testes os alunos estavam sempre chamando a professora para perguntar o que era para fazer. Tive a oportunidade de corrigir alguns testes de português e o erro em uma questão de interpretação era recorrente; ao meu ver, falta atenção dos alunos ao lerem o texto, mas como havia muitos com problema com a leitura, não há como afirmar a real dificuldade. A escola precisa estar mais atenta para este tipo de problema, não basta ensinar as crianças a decodificarem uma série de letras: é preciso que elas vejam sentido nesse emaranhado de sílabas.

O livro que o escritor escreve ou qualquer outro tipo de texto possui como objetivo primordial ser lido. Tudo que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. A leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. E cada pessoa que ler terá uma interpretação diferente, mas aqui já é outra situação – a pessoa leu, entendeu e percebeu outra significação para o texto, é diferente daquele caso que a pessoa não consegue nem entender o que foi lido. Afirma Cagliari (1989):

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (p. 150)

Cada pessoa possui uma experiência de vida e isso também irá influenciar a forma como ela lê um texto. Da mesma maneira, uma criança lê de forma diferente da de um adulto. Uma criança que é estimulada pelos familiares a ler e possui vários livros em casa obviamente lerá de forma diferente daquela que só vê livros na escola; da mesma forma, ambas não vão ler como a professora. E essas diferenças não devem servir para dizer que uma lê bem e a outra não, mas apenas para afirmar que cada um lê de uma maneira diferente.

Da mesma forma, uma mesma história pode encantar uma criança e apavorar outra. E o papel da escola neste momento é respeitar a individualidade de cada um e não obrigar a ler porque é necessário, pois esse tipo de atitude, sim, pode gerar uma série de frustrações que terão sérios reflexos no futuro. De acordo com a percepção de mundo que cada criança possui assim ela fará sua interpretação do texto que está lendo. E é nesse momento que muitas descobertas acontecem. Segundo Daniel Pennac (1993):

No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (p.29)

Os primeiros contatos das crianças com o texto ocorrem através da leitura em voz alta. Os adultos lêem histórias para elas.

Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos, a única diferença reside no canal pelo qual a leitura é conduzida até o cérebro. (CAGLIARI, 1989)

Um bom exemplo são as poesias que nasceram para serem ouvidas e atualmente são lidas por cada um em silêncio. O gostoso de ouvir uma poesia é poder perceber as rimas e a melodia que a mesma possui. Muitas vezes a leitura silenciosa não é adequada, pois faz com que o texto que foi feito para ser ouvido perca a beleza de sua sonoridade.

Como já foi dito, cada um possui um gosto especial para tudo na vida, inclusive para a leitura. Nelly Novaes Coelho (2000) aponta cinco tipos de leitores e seus estágios psicológicos, que podem auxiliar os professores a selecionarem os materiais de leitura para seus alunos.

O pré-leitor, categoria inicial que abrange duas fases a primeira e a segunda infância:

A primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) é o período no qual a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato. É chamada fase da “invenção da mão”, pois seu impulso básico é pegar em tudo que se acha ao seu alcance. É também o momento em que a criança começa a conquista da própria linguagem e passa a nomear as coisas à sua volta.

A segunda infância (a partir dos 2/3 anos) é fase em que começam a predominar os valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer ou carências físicas e afetivas). É o início da fase egocêntrica e a criança não separa nitidamente seu eu e o mundo, ou seja, a criança se vê como o centro do universo. A autora sugere que o adulto esteja presente para orientar a brincadeira com o livro. Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança e apresentar determinadas características estilísticas como predomínio da imagem, desenhos e humor.

A partir dos 6/7 anos, temos o leitor iniciante. É a fase da aprendizagem da leitura, na qual a criança já conhece facilmente os signos do alfabeto e a formação das sílabas simples e complexas. Esse é o início do processo de sinalização e de racionalização da realidade. Nessa fase a autora sugere que o adulto incentive com aplauso ou o estímulo carinhoso a cada uma de suas pequenas “vitórias”.

O leitor em processo pode ser observado a partir dos 8/9 anos. Nesta fase, a criança domina facilmente o mecanismo da leitura e o interesse pelo conhecimento das coisas surge com mais afinco, pois seu pensamento lógico começa a se organizar de forma concreta, permitindo as operações mentais. A sugestão da autora é que o adulto estimule atividades pós leitura e que auxilie caso haja dificuldades.

O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) é a fase na qual se observa a consolidação do domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo expresso nos livros, ou seja, embora ainda esteja de posse de uma mentalidade mágica, a criança começa aos poucos a se orientar para um mundo palpável. E inicia-se, a partir desta fase, o interesse pelas histórias. A presença do adulto já não se faz necessária. A ação do adulto nesta fase deve ser a de *líder entusiasmado* que confia na capacidade de seus liderados. A variedade da matéria literária, atraente nessa fase, aumenta consideravelmente.

A partir dos 12/13 anos, a criança começa a fase de leitor crítico, quando é percebido o total domínio da leitura, da linguagem escrita, de sua capacidade de reflexão, atingindo a visão de mundo ali presente e aprofundando mais em suas leituras. É a fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.

Acredito que a definição da autora e a separação das bases são bastante válidas, mas não precisam nem devem ser vistas como conceitos deterministas. A realidade de cada escola e de cada sala de aula é bastante diferente; entretanto, pode ser muito valorosa sua contribuição.

Assim como Nelly Novaes Coelho demonstra as diversas fases por que as crianças podem passar, e que não conclui este assunto uma vez que diversos fatores podem influenciar, Ricardo Azevedo elenca as categorias de livros infantis, e diz que há uma grande diferença entre livros para crianças e literatura infantil.

Existem os livros didáticos e paradidáticos que possuem como objetivo primordial passar conhecimentos ou valores predominantes em nossa sociedade. Em contraposição a estes há os livros de literatura infantil, que abordam assuntos cotidianos, mas que não podem ser tratados em sala de aula como conteúdo. Outra diferença é que o objetivo desses livros é adentrar o imaginário infantil e possibilitar, dentre outras coisas, uma leitura prazerosa.

## **CAPÍTULO 2 – A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS**

É um grande desafio para o professor das séries iniciais ensinar seus alunos a lerem e, mais que isso, incentivá-los a continuarem lendo apesar de todas as dificuldades. Um professor apaixonado pela educação criará mecanismos que de fato irão estimular seus alunos, o grande problema é se o professor não tiver um compromisso com a educação. Outro fator importante é que o professor deve ser um leitor, pois além da criança tomar o professor como exemplo a ser seguido, o professor poderá palpitar sobre os livros e até mesmo explicar situações que não ficaram claras.

A criança deve possuir a liberdade de escolher o que deseja ler, claro que existem livros que são importantes e que devem ser lidos apesar do desejo dos alunos. Contudo, não é sempre que isso ocorre e muitas vezes o professor distribui os livros aleatoriamente sem levar em consideração a vontade da criança e todo o contexto em que ela está inserida naquele momento.

Abramovich (2008) defende que:

Mesmo nas escolas mais democráticas, onde se dá o direito de escolher entre dois ou três títulos, quais os referenciais reais para essa prévia seleção?? Por que não ampliar os horizontes, indo às livrarias ou bibliotecas e deixando cada aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que, naquele determinado dia, lhe desperta a curiosidade, a vontade, a inquietação??? Claro que, para isso, a professora teria que ler muito mais livros, e a questão que fica é esta: ela está disposta a fazer isso?

Outra barreira que tenho visto em sala de aula é sempre utilizar o texto como pretexto para alguma outra atividade e muitas vezes isso rouba o brilho daquele momento que deveria ser o simples prazer de ler por ler.

Sobre o assunto, Lajolo (1986) afirma:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solidário da leitura, contrapartida do igualmente solidário ato de escritura.

Como já foi dito anteriormente, ensinar os alunos a ler e escrever é uma das principais tarefas da escola. A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender

coisas novas ao longo da vida. A leitura possui uma importância tão significativa que está amparada por lei, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB.

De acordo com a LDB, no artigo 32:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Diante de tudo isso e da importância da leitura é essencial que os professores reflitam sobre sua postura com relação à leitura. Na escola, crianças e adolescentes precisam ter contato com livros diferentes, ouvir histórias, observar adultos lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina variada e estimulante e, além disso, receber muito incentivo dos professores e da família para que, na idade adequada, aprendam a ler e escrever. Ou seja, é necessário que haja um trabalho de parceria entre a escola e a família. Trabalhando desta forma, há mais chances dos nossos alunos se tornarem leitores.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos dizem que:

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes (p.41).

É preciso que o professor esteja atento para transformar a leitura em uma atividade prazerosa, pois algumas tarefas escolares desestimulam os alunos a ler. Um exemplo clássico é a obrigação de ler um livro e ter que responder a ficha de leitura, que não cobra quase nada do texto em si, mas apenas informações superficiais como autor, ilustrador, entre outros. E condicionar a leitura à realização de uma atividade algumas vezes não é o mais adequado.

O professor possui um papel fundamental na formação de leitores, e isso não significa apenas que ensinará as crianças a decodificarem um texto. O professor deve ser o

intermediador entre o texto e o aluno, diante disso ele deverá criar condições de leitura e o momento de ler deve ser especial: algo na sala deve ser mudado, nem que seja o posicionamento das crianças, essa simples mudança gera nas crianças um sentimento novo. O tempo destinado à leitura deve ser separado para demonstrar para as crianças a importância do ato de ler.

O projeto de leitura deve ser algo planejado, o professor deve possuir um vasto conhecimento sobre literatura infantil e, além disso, deve conhecer os interesses de seus alunos. Esse projeto não deve ser um momento que está desocupado e que, em decorrência dessa falta de atividade, o professor escolhe um livro ao acaso e lê para os seus alunos sem ao menos ter feito uma leitura prévia do livro.

Não é o bastante oferecer leitura para as crianças, é preciso qualificá-la, pois o simples acesso ao livro não tornará os alunos leitores conscientes. Outro fator importantíssimo é que o professor deve ser um leitor não apenas lendo na frente das crianças, mas conhecendo as obras literárias, podendo dessa forma conversar com os alunos sobre os livros, dar sugestões e dessa forma ir auxiliando os alunos a se tornarem leitores críticos. O professor também deve ler para as crianças textos de seu interesse, uma vez que os alunos perceberão o prazer que ele sente ao ler determinado texto e isso certamente despertará os alunos a fazerem este tipo de descoberta.

Lajolo (1986) afirma:

Em resumo, se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Não basta colocar a leitura do livro infantil brasileiro no currículo escolar; não quer dizer nada. Como afirma Fanny Abramovich:

Solicitar que o aluno leia um livro sem propósitos ou que ele não tenha participado da escolha pode causar ojeriza permanente pela leitura. A preocupação básica deve ser formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram aquele conto. (ABRAMOVICH, 2008)

## A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

O termo biblioteca, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2008), significa “**1.** Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, leitura e consulta. **2.** Edifício ou recinto onde ela se instala. **3.** Móvel onde se guardam e/ou ordenam livros.” A palavra é originada do grego *bibliothéke* (lugar onde se guardam livros; estante) e chegou até nós pelo latim *bibliotheca*.

Sobre o assunto, Santos(2005) afirma:

A biblioteca escolar, sua organização, acervo e uso constituem-se talvez no testemunho mais real do efetivo compromisso da comunidade escolar com a educação e a cultura. Podemos considerá-la como o espaço da cultura dentro da escola, oportunizando e estimulando o contato e o convívio interativo entre os alunos, professores, pais e responsáveis, na mediação do conhecimento que trazem os livros, revistas, jornais e outras fontes de pesquisa e cultura (p.37).

Para Perrotti (2006), a biblioteca escolar não deve:

Restringir-se a um papel meramente didático-pedagógico, ou seja, o de dar apoio para o programa dos professores. Há um eixo educativo que a biblioteca tem de seguir, mas sua configuração deve extrapolar esse limite, porque o eixo cultural é igualmente essencial. Isso significa trazer autores para conversar, discutir livros, formar círculos de leitores, reunir grupos de crianças interessadas num personagem, num autor ou num tema. A biblioteca funciona como uma ponte entre o ambiente escolar e o mundo externo.

É extremamente importante a biblioteca escolar para a formação de leitores. Trata-se de um espaço presente no imaginário infantil; um lugar onde se escondem aventuras, romances, fantasias e descobertas. A inserção dos alunos neste espaço assim como em livrarias certamente despertará a vontade de ler e, da mesma forma, eles irão descobrir títulos que não lhes agradarão.

Com o contato do educando com os vários tipos de leitura disponíveis na biblioteca ele aprende a selecionar livros que são do seu interesse e também os que não são, além de observar as várias possibilidades de leitura.

Sobre o assunto, Abramovich (2008) afirma:

Uma biblioteca é o centro de descobertas, de silêncio repousante, de provocação para olhar, mexer e encontrar algo de saboroso ou novidadeiro... de possibilidades de sentar numa mesa e ficar por muito tempo virando páginas e páginas de livros raros, não encontráveis em casa... Um lugar onde se pode folhear qualquer espécie de livro publicado, brincar com dicionários e buscar palavras novas, imagens em livros de arte ou em revistas ou jornais de antigamente... Enciclopédias que têm verbetes sobre tudo, imensas, que pedem tantas vezes que se as leia de pé, tal o

tamanho delas. E, sobretudo, possibilidades de encontrar toda a espécie de livros que proporcionem encantamento, ludicidade, prazer, descobertas...(p.162-153).

É extremamente importante que haja uma biblioteca na escola com acervo atualizado e bem ornamentada, principalmente se o maior público for o infantil, pois com o auxílio desse espaço haverá uma grande contribuição para a formação de leitores. Em decorrência de tudo isso, é importante que o profissional que está à frente seja qualificado, para facilitar o acesso das crianças aos livros e também ensina-lás a procurar os títulos que lhes interessarem.

Entretanto, o que temos observado nas bibliotecas das escolas públicas de educação básica é que está tudo ocorrendo da maneira contrária da que deveria. O espaço físico é sujo, inadequado, cheio de livros empoeirados e amontoados sem a menor organização, com profissionais despreparados, geralmente os afastados da sala de aula em decorrência de algum problema. Dessa forma verificamos que não basta ter várias caixas de livros novos que o MEC envia. É necessário que se valorize o espaço da biblioteca escolar, e que se criem projetos de incentivo à leitura juntamente com esses espaços e tornando-os parte dos projetos.

Enfim, o trabalho desenvolvido pela biblioteca deve ser incentivador e dissociado de qualquer tipo de tarefa avaliativa, ou seja, não pode ser lugar para provas, nem testes, nem fichas de leitura, nem local para castigo, nem nada que não seja definitivamente gostoso de fazer.

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PESQUISA

### ANALISANDO E DISCUTINDO OS DADOS

Inicialmente observei a turma durante onze dias. Foi um período muito rico, pois aprendi bastante e participei de forma efetiva das atividades diárias que foram desenvolvidas pela professora. Nestes dias, copiei textos no quadro, algo que não me recorde ter feito antes e, no início, senti muita dificuldade, mas com o passar dos dias comecei a gostar. Ajudei a professora a corrigir provas e passei palavras no caderno de caligrafia para os alunos copiarem.

Em razão do acervo da biblioteca não estar organizado da maneira adequada, não consegui localizar os livros que desejava trabalhar com os alunos. Diante dessa situação, foi necessário que eu buscasse este material em outros locais para utilizá-los nas atividades.

Sexta-feira 27 de maio de 2011

No primeiro dia que comecei a desenvolver o meu projeto de leitura, a professora falou para os alunos que eu iria desenvolver uma atividade. Pedi-lhes que sentassem no fundo da sala em círculo. Levei um cubo que aberto continha o cenário da história que iria contar para eles. Quando abri o cubo, eles ficaram simplesmente encantados e começaram a fazer várias perguntas, e passei o cubo para eles verem e pedi que imaginassem sobre o que a história falaria. Depois comecei a perguntar sobre o quê a história falaria e as respostas foram as mais diversas.

Em seguida, mostrei a capa do livro *Uma joaninha diferente...* da Regina Célia Melo e comecei a ler a história. Como já tinha feito uma leitura prévia foi possível ir mostrando as figuras, mas a cada cena eles queriam saber onde estava aquela cena no cubo, e durante a leitura fui perguntando “o que será que vai acontecer”. Mas, ao meu ver, a participação deles foi maior por causa do cubo, pois o auxílio visual para eles foi o principal. Quando terminei de contar a história eles bateram palmas, e conversei com eles sobre as diferenças e que todos são diferentes, pois o meu propósito com essa história, além de incentivar a leitura, foi trabalhar a questão da diferença, pois eu já tinha percebido que estavam ocorrendo alguns problemas naquela turma com relação a esse assunto.

Para mim é muito ruim fazer uma atividade como esta e no fim ter um pretexto para pedir uma tarefa, pois não queria incorrer no erro do texto ser “um pretexto para se estudar

gramática, sublinhar substantivos concretos, indicar tempos de verbos, encontrar advérbios de modo e mil outras relevâncias do tipo” (ABRAMOVICH, 2008, p.142). Mas foi necessário, pois a própria dinâmica da aula exigia e então pedi que eles em uma folha branca escrevessem uma frase sobre a história e desenhassem o que eles mais gostaram. Durante a atividade, alguns se empenharam, e outros, como em todas as turmas, fizeram de qualquer jeito e entregaram.

Pode-se inferir que essa falta de interesse, por parte de alguns alunos, em realizar a atividade, esteja vinculada à falta de motivação que normalmente as atividades de leitura trazem. Para as crianças, ler um livro para responder uma ficha de leitura não tem um significado real.

Quarta-feira 1º de junho de 2011

Para o segundo encontro escolhi *Os Direitos das Crianças*, da autora Ruth Rocha. Esse livro é muito interessante, porque, além do texto não ser muito extenso e prender a atenção das crianças, as ilustrações são maravilhosas. Fui lendo o texto e interagindo com eles, pois como a turma é muito grande é necessário este contato para me certificar de que pelo menos a maioria está prestando atenção. E eles acharam muito divertido, porque o livro falava de brincadeiras e acontecimentos que estão presentes no cotidiano deles. E quando interagia com eles, muitos queriam falar de suas experiências reais com determinada brincadeira.

Isso demonstra certo interesse, por parte dos alunos, pela leitura de novos textos e pelo conhecimento de novos autores, mesmo que, muitas vezes, os textos e livros selecionados pelos professores sejam apenas pretexto para ensinar um assunto, ou realizar uma atividade.

Durante este segundo encontro, confirmei a importância do professor conhecer seus alunos, e perceber que assuntos lhes interessam naquele momento. A partir do meu contato com a turma, pude conhecer as dificuldades das crianças e percebi que textos extensos não prendiam a atenção deles.

Eles se interessaram bastante, mas antes de escolher o livro pensei na turma e percebi que a história do livro tinha ligação direta com eles, e também tinha percebido que textos extensos estavam lhes desinteressando. Após a leitura conversei um pouco com eles sobre o livro e sobre os direitos propriamente ditos das crianças. Meu propósito com esta conversa,

além de conscientizar que assim como há os direitos há os deveres, foi enfatizar os direitos dos outros que estão ao nosso redor.

Após a discussão, foi proposto aos alunos escreverem em uma folha dois ou mais direitos e desenharem. Expliquei para eles que montaríamos o mural que teria como título “Direitos do 3º Ano”. Na medida em que eles concluíam eu fui colando as folhas em um papel pardo e foi muito interessante a preocupação deles se caberiam todos. Quando o mural ficou pronto, coleí no quadro e pedi que cada um fosse à frente ler o que tinha escrito. No início houve muita resistência e nem todos foram. Entretanto, para mim, essa atividade foi bastante válida, pois os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre os seus direitos e os dos outros, e os que foram ler na frente da turma tiveram a oportunidade de se expor e isso também gera crescimento.

Quinta-feira 9 de junho de 2011

No terceiro encontro, pedi que eles sentassem no fundo na sala em círculo. Levei meu netbook e falei que naquele dia falaríamos sobre fábulas. Expliquei o que era, falei de Esopo, onde ele nasceu, mostrei uma imagem, falei um pouco sobre a moral e li a fábula *A Raposa e o Macaco* e enfatizei as características da fábula. Agrupei os alunos em grupo de quatro e expliquei a atividade a ser desenvolvida. Para cada grupo entreguei uma fábula e disse que eles deveriam ler e estudar aquela fábula porque iriam apresentar no dia seguinte. Numerei cada fábula para fazer o sorteio no outro dia; no grupo fiz um sorteio para determinar um líder que ficaria com a fábula e a levaria para casa. Mas enfatizei bastante que porque o líder estava levando não queria dizer que os outros não apresentariam.

Tive alguns insucessos nesta atividade, inclusive comentei com a professora da turma, mas ela disse que com a prática eu me aperfeiçoaria. Primeiro, as explicações sobre fábulas e sobre a vida do Esopo deveriam ter sido mais simples; ficou um pouco maçante porque são assuntos que não lhes interessam. Eles não estavam acostumados a trabalhar em grupo e muito menos em apresentar para os colegas, talvez tivesse sido melhor começar em duplas e definitivamente é necessário uma folha para cada. Porque por mais que eles tentassem colaborar um com o outro, o barulho atrapalhava e nem todos da turma sabem ler e muitos não lêem fluentemente e acredito que neste momento em que estão aperfeiçoando a leitura é mais produtivo lerem sozinhos.

Sexta-feira 11 de junho de 2011

No quarto encontro, que foi o encontro no qual apresentariam as fábulas, no início ficaram tímidos, mas como era o grupo, isso logo passou. Alguns leram toda a fábula e no final fizeram breves comentários, especialmente sobre a moral e aspectos da história de que mais gostaram. Outros esqueceram a folha e foram falando o que lembravam e, para mim, esses que esqueceram se saíram melhores porque tiveram que se esforçar para lembrar da história e explicaram de forma mais clara. Para este dia minha atividade era apenas essa, pois já sabia que levaria um bom tempo da aula.

O aprendizado foi válido. Eles começaram a perder a timidez e perceberam que precisavam treinar mais a leitura em voz alta. E várias vezes depois vi alguns alunos depois que liam o texto perguntarem “mas qual é a moral?”. Outra prática que foi inovadora e válida foi a deles se apresentarem na frente, pois a partir dessas atividades a professora começou a pedir que eles fossem à frente ler seus textos. Sempre fiquei atenta para que não houvesse zombaria entre eles, porque isso poderia frustrar meus objetivos de deixá-los mais destemidos.

Terça-feira 14 de junho de 2011

No quinto encontro levei minha irmã para fazermos o teatro de fantoches, que eu gostaria de ter feito antes mas não imaginava o trabalho que dava. Fizemos o teatro sobre a história *Não tem dois iguais*, da autora Carmen Lucia Campos. Falei que a história seria sobre aquele livro e comecei a contar. Eles simplesmente amaram tudo. Riram bastante e no final queriam que eu contasse novamente e ficaram comentando entre eles como tinha sido legal.

A minha proposta era apenas o teatro, mas a professora pediu que eles desenhassem no caderno de desenhos o que eles mais tinham gostado. E fiquei muito contente porque eles fizeram a atividade muito empolgados. A leitura descomprometida, o ler por ler raramente faz parte dos planejamentos, e nas minhas atividades minha proposta era justamente que eles descobrissem o prazer da leitura sem estar vinculada a uma atividade, como sempre esteve para eles. Sobre o assunto, Ruth Wornicov (apud VIEIRA, 2002, p.22) afirma:

A escola não encontra tempo para a leitura e quando a inclui em suas atividades, o faz de forma impositiva e desestimulante. A criança gosta de ler. A leitura, porém, somente terá eficiência quando for motivada a atender às necessidades do leitor. A aquisição da habilidade de ler tem seu valor grandemente diminuído, quando se torna um simples mecanismo sem nada acrescentar de importante à vida e ao crescimento do leitor.

Quinta-feira 16 de junho de 2011

No sexto encontro me sentei com eles no fundo da sala e perguntei quem já conhecia poesia e muitos responderam. Era uma prática cotidiana eles recitarem poesias na entrada da escola. Alguns alunos foram logo pedindo para recitarem as que sabiam, foi um momento prazeroso porque eles gostam e eu ainda não tinha visto, durante as minhas observações, a professora trabalhar com poesias. Conversei com eles sobre a sonoridade, as rimas e a diferença entre poema e poesia. Em seguida li alguns poemas do José Paulo Paes e um da Cecília Meireles. Eles simplesmente amaram.

Para este encontro, meu objetivo principal, além do incentivo à leitura de poesia, era a atividade. Minha proposta era de que eles criassem poesias para juntos montarmos um varal de poesias. Essa atividade foi bem sucedida porque eles gostaram e ficaram felizes assim que a propus. Alguns criaram poesias e estavam preocupados com a rima e se dava certo. Fui montando o varal e, como atividades em escola gastam muito tempo, principalmente pela quantidade de alunos, os que foram terminando depois, eu falei que depois colocaria e coloquei o varal no quadro. Teve um aluno que chorou porque eu ainda não tinha colocado a dele e os seus colegas já estavam indo na frente ler, achei interessante a reação dele e conversei com ele e logo fui colocar a sua poesia no varal.

Nesta atividade meu maior êxito foi ver o prazer dos alunos em realizar a tarefa e ver a criatividade transbordar, superando a preguiça que muitas vezes os vi sentir para realizar tarefas. Para mim, esta atividade possibilitou o amadurecimento dos alunos enquanto leitores.

Como Abramovich (2008) comenta:

Que a criança goste de ler, de sorver devagarinho, sem pressa, a poesia que encontrar... Que, ao folhear um livro, saiba reparar numa passagem bem escrita e que saboreie esse momento de boniteza que o autor elaborou. Ou, ao se deparar com o mal escrito, com o tolo, com o desprovido de emoção e sensações, com o texto apressado, mal resolvido, que perceba e registre o quanto aquilo não quer dizer absolutamente nada... E que comente, fale e leia alto, pra demonstrar seu espanto – não com o bom e o novo, mas com o malfeito ou o batido...(p.95).

E o que observei no comportamento deles foi justamente a preocupação se a poesia deles estava boa, e quando um deles fazia uma que já era comum eles percebiam e logo falavam que aquela já era comum. Quando foi pedido que eles lessem na frente a grande maioria quis ler a sua.

Sexta-feira 17 de junho de 2011

No sétimo e último encontro em que desenvolvi meu projeto, novamente me sentei em roda com eles e levei meu netbook. Passei um vídeo do youtube que falava sobre a autora Ruth Rocha e eles ficaram surpresos, porque no vídeo a apresentadora falava sobre um livro da autora que estava presente na caixa de leitura da turma. Eles ficaram empolgados, até porque alguns já haviam tido contato com o livro, que era *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*.

Em seguida li o livro que está disponível no site da autora que é *Quem tem medo de Rídiculo?* E eles gostaram bastante da história, principalmente, porque eles a viram toda no netbook eu ia contando e mostrando para eles. Como eu já sabia que se eu não pedisse atividade a professora pediria, queria fazer uma atividade mais solta, então pedi que eles desenhassem e escrevessem o que mais gostaram no livro. A professora pediu que essa atividade fosse para a pasta deles.

Durante o projeto que desenvolvi, a cada encontro busquei levar diferentes modalidades de textos. O aluno deve ter contato com diversos textos e autores, tudo isso será favorável para que ele amadureça enquanto leitor.

Segundo Lajolo(1986):

Há, então, que expor o aluno a uma gama variada de textos, se realmente se quer que ele melhore sua leitura. E *melhorar*, aqui, nada tem a ver com memorização ou velocidade de leitura. Tem a ver, isto sim, com níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) vai construindo para o texto.

A seguir serão apresentadas as análises das entrevistas semi-estruturadas, que foram realizadas com os alunos

## **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS**

Durante minhas observações, realizei entrevistas semi-estruturadas com os alunos, na intenção de verificar o contato que eles possuíam com a leitura fora do ambiente escolar. Objetivando enriquecer a pesquisa, apliquei um questionário para a professora da turma, na intenção de compreender a percepção que ela tem sobre leitura.

As entrevistas realizadas serão analisadas a seguir, discutindo as respostas dadas pelos alunos. Entrevistei vinte e três alunos e elaborei um questionário com sete perguntas em razão do tamanho da turma.

A primeira pergunta que fiz foi se eles possuíam livros em casa. Dois alunos responderam que não e o restante que tinham alguns, ou que tinham os livros da escola.

Também falaram dos livros por assunto, como sobre animais, carros, entre outros. A segunda foi se eles costumavam ir à biblioteca e se costumavam pensar antes no que queriam ver. Seis alunos não costumam ir e o restante vai na biblioteca da escola e pensam que livros vão pegar e teve um aluno que falou que “tem uns que a Tia não deixa”.

O papel da biblioteca ou sala de leitura na formação de leitores é imprescindível e zelar por esse espaço é tarefa da escola. O funcionamento da biblioteca não deve ficar restrito apenas ao empréstimo de livros. Esse espaço deve ser palco para diversas atividades como debates, exposições com os livros mais lidos e recomendados pelas crianças e tantas outras atividades que uma biblioteca pode realizar.

A terceira pergunta foi se eles costumam passear em livrarias e o que eles procuram. Dezesete alunos disseram que não e o restante disse que sim, mas que procuram muitas coisas. Ao meu ver, respostas vagas e que demonstram pouca intimidade deles com esses tipos de espaços. O que é muito triste e o professor deveria organizar visitas a estes locais que de fato contribuem para a formação de alunos leitores. Segundo Abramovich(2008):

Há tanto jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho ou chato... É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto – seja na livraria ou na biblioteca... Se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhe proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas – e outras tantas – trilhas para toda a maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras... (p.163).

A quarta pergunta foi se as pessoas que moram com eles costumam ler. Apenas um aluno falou que não; o restante falou de parentes como pai, mãe, irmão ou até primos.

A quinta foi sobre a importância da leitura. A maioria respondeu que é importante porque aprende a ler. Um aluno falou que é importante porque quando crescer vai precisar ler jornal e quando for visitar uma galeria de arte e tiver algo escrito vai precisar ler, e este foi justamente o aluno que eu mais vi envolvido com a leitura e que deixava de fazer outras atividades para ficar lendo.

A sexta foi sobre o que o livro podia ensinar, muitos falaram que ensina a ler e outros fizeram a ligação entre o livro e ensinamentos de um bom comportamento e alguns falaram que ensina a respeitar os animais. A sétima e última foi sobre o futuro; se eles faziam planos de ler algo especial. Sete alunos falaram que não e o restante que queriam reler livros que já conheciam.

Analisando as entrevistas que realizei, percebi que as respostas foram superficiais. E levando em consideração minhas observações na turma, posso afirmar que os alunos possuem

pouco contato com a leitura. Na escola, apesar da professora afirmar que existem projetos de leitura, o que identifiquei foram momentos de leitura, nos quais os alunos ficam soltos e, a professora, fora de sala.

O que pude constatar com as observações é que os alunos vêem a leitura apenas como uma habilidade, e não como algo que pode fornecer novos conhecimentos. E dessa forma o texto não faz sentido para eles.

Dessa forma, foi uma grande surpresa para os alunos a minha presença em sala de aula durante os momentos de leitura. Outra surpresa para eles foi que eu também lia, e certamente essa postura serviu de estímulo para alguns, que afirmaram que desejam ler como eu no futuro. Essas experiências servem para reforçar a importância de um professor-leitor presente em sala de aula, principalmente para os alunos das séries iniciais.

Por mais que perceba uma certa preocupação da professora com a leitura, o que notei foi a falta de planejamento para atividades relacionadas a este tema. E, em decorrência desse despreparo, suas respostas ao questionário demonstram a falta de conhecimento sobre literatura infantil. A seguir, transcreverei algumas respostas da professora que a meu ver expõem certa desatualização sobre o assunto:

Como você vê a relação entre a sua formação como leitora e o seu trabalho como professor?

*R: Muito boa*

O que você acha que a leitura pode acrescentar para os seus alunos?

*R: Melhora a interpretação, desenvolvimento na forma de se expressar e melhora o raciocínio-lógico.*

As suas atividades de leitura são planejadas? Há um projeto de leitura para sua turma? Explique o seu projeto

*R: Sim. No começo da aula ou no final destino 30 minutos para um momento de leitura todos os dias.*

O que você acha que influencia na leitura dos seus alunos?

*R: Boa leitura feita pelo professor, incentivo e contar história.*

Quando você pensa em livros para seus alunos, em quais pensa?

*R: Dentro da literatura infantil, procuro trabalhar todos os gêneros.*

A professora de alguma forma entende a importância da leitura, mas não dá a atenção que merece em sala de aula. Não acredito que a professora veja a leitura apenas como uma

habilidade. Mas não entendeu que a leitura permeia todas as outras atividades e que é o meio pelo qual os alunos podem adquirir novos conhecimentos.

O que pude observar é que apesar das perguntas darem margem para respostas mais amplas, as respostas de maneira geral foram muito superficiais. Meu propósito não é julgar o trabalho desta professora. Mas é inevitável observar que poderia ser feito um trabalho com mais qualidade. Talvez o cansaço possa fazer com que essa professora não busque mais atividades diferenciadas para o incentivo à leitura, ou até mesmo o desconhecimento da existência de tais atividades.

Nesse sentido, é importante pensar na formação continuada do professor. Não apenas relacionada a essa área da leitura, mas em todas as disciplinas é necessário que haja atualizações. Os professores são espelhos para seus alunos em sala de aula. Diante de tal afirmação, a postura que o professor terá em sala de aula é de suma importância.

Minhas conclusões diante desta pesquisa foram que os alunos não estão sendo incentivados a ler da maneira ideal. Não basta que o aluno tenha acesso ao livro, é necessário que haja um trabalho em conjunto entre a escola e a família, para que os alunos tenham a oportunidade de estarem inseridos em um ambiente propício à formação de leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstra que o trabalho que vem sendo desenvolvido pela professora da turma observada não está de fato formando alunos-leitores. As atividades que vem sendo desenvolvidas em sala de aula limitam-se a momentos de leitura, nos quais os alunos não lêem. A falta de planejamento pela professora para estas atividades está tornando estes momentos de leitura em momentos desorganizados e não prazerosos.

Pode-se observar que a professora não busca novos gêneros textuais e literários. Ela pode estar se acomodando e utilizando apenas os livros que estão na caixa de leitura que são disponibilizados pela Secretaria de Educação. E apesar de haver nestas caixas livros de excelente qualidade, há também os que deixam a desejar e não contribuem em nada para a formação leitora dos alunos.

Os professores devem estar atentos aos livros que são disponibilizados para os seus alunos. E o que verifiquei durante minhas observações no Projeto 4 é que os professores possuem pouco conhecimento sobre literatura infantil. E escolhem ao acaso os livros que serão lidos, e apesar de muitas vezes o livro ser excelente, não se encaixava no contexto da turma. E o resultado era que eles não prestavam atenção e ficavam ainda mais irritados porque tinham que responder uma ficha de leitura totalmente mecanizada, sobre um livro que eles não apreciaram.

A forma como a leitura vem sendo tratada em sala de aula não está sendo propícia para a formação de leitores conscientes e apaixonados. E o reflexo de todo este trabalho que não está sendo realizado de forma adequada surgirá no futuro, quando estes alunos estiverem cursando faculdades e sendo inseridos no mercado de trabalho.

Uma das funções mais importantes do professor é ensinar seus alunos a ler. É através da leitura que eles poderão adquirir novos conhecimentos, a partir da leitura eles se tornarão leitores críticos e serão capazes de ler não apenas palavras, mas também o contexto.

Foi extremamente difícil para mim escrever este trabalho. Principalmente por eu não ser uma leitora, o desafio foi muito grande. Entretanto, acredito no poder transformador da leitura e acredito que ela seja o melhor caminho para fazermos novas descobertas e adquirir novos conhecimentos e aperfeiçoar os antigos. Este trabalho é apenas o pontapé inicial do trabalho que desejo realizar futuramente com a leitura. Pretendo auxiliar meus futuros alunos, para que eles não passem a mesma dificuldade que passei em decorrência da ausência da leitura em minha vida.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2008.
- AZEVEDO, Ricardo. *Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias*. São Paulo. Artigo, 1998.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003.
- BRASIL. Lei Darcy Ribeiro (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. 3. Ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.
- BRASIL. *Parâmetros Nacionais Curriculares*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A educação Básica no Brasil*. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=293&Itemid=358](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=358) Acesso em 11 julho2011.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A leitura. Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua Portuguesa*. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. – 7. Ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2008.
- FERREIRA, Liliana Soares. *Produção de Leitura na Escola*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2001.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAJOLO, Marisa. “O texto não é pretexto”. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 5ª Ed., 2009.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PERROTTI, Edmir. *Biblioteca não é depósito de livros*. In: Nova Escola. Abril, 2006. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/biblioteca-nao-deposito-livros-423601.shtml> acesso em 05 de julho de 2011
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SANTOS, Irismar Oliveira. *Biblioteca e leitura na rede pública de ensino infantil de Brasília: relato crítico de uma experiência*. Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção do título de Especialista. 2005.

VIEIRA, Maria Josirene. *Leitura, literatura infantil e formação de leitores*. Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção do título de Especialista. 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil na escola*. 4ª ed. São Paulo: Global Ed. 1985.

\_\_\_\_\_ (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. *A pesquisa etnográfica como construção discursiva*. Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2001. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2724/1878>  
Acesso em julho de 2011.

## **PARTE III**

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Uma das músicas que marcam minha entrada na UnB é a que possui a seguinte letra: *Você não sabe o quanto caminhei para chegar até aqui.* Enfrentei muitos momentos de dificuldade e grandes desafios.

Mas o grande sonho de entrar na UnB se realizou e foi uma das maiores vitórias da minha vida. Decepcionei-me com algumas pessoas, entre elas professores, mas isso é muito compreensível – somos seres humanos e estamos sempre suscetíveis a cometer erros.

Entretanto, houve vezes em que me surpreendi com as atitudes de algumas pessoas, entre elas professores. Nesta universidade, houve momentos em que professores me auxiliaram mais que muitos familiares e lembrar-me disso me deixa muito feliz e emocionada. Esses professores me fizeram acreditar que a situação da educação em nosso país um dia pode mudar.

Pretendo entrar para a Secretaria de Educação e desenvolver um excelente trabalho como professora. Planejo fazer uma especialização e o grande desejo do meu coração é nunca parar de estudar. E, claro, me tornar uma professora-leitora e dessa forma servir de espelho para os meus alunos.

Entre os meus projetos para o futuro está o de cursar uma segunda graduação. O curso que desejo fazer é o de Direito. Desejo também voltar a fazer inglês e me matricular em uma turma de espanhol. Desejo fazer um mestrado relacionando Pedagogia e Direito, onde pretendo abordar o caráter pedagógico da pena como assunto central.

Concluídos estes projetos, me esforçarei para fazer concursos na área de Procuradoria da República, que é um grande sonho que possuo. Por fim, desejo dar aula em faculdades e auxiliar jovens que, como eu possuem em seus corações o desejo de chegarem longe.